

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO  
CJE0641 – Teorias e Práticas da Leitura  
1º semestre de 2020  
Prof. Thiago Mio Salla

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2020

Aluna(o) \_\_\_\_\_

## CLASSE – HISTÓRIA DA LEITURA (BRASIL)

### TEXTOS 1 E 2: MACHADO DE ASSIS E O LEITOR (EXCERTOS EXTRAÍDOS DE CRÔNICAS DO AUTOR)

#### Leitor carapicu

(...)

Os leitores pensam com razão que são apenas filhos de Deus, pessoas, indivíduos, meus irmãos (nas prédicas), almas (nas estatísticas) membros (nas sociedades), praças (no exército), e nada mais. Pois são ainda uma certa cousa, — uma cousa nova, metafórica, original.

Ontem, indo eu no meu bonde das tantas horas da tarde para (não digo o lugar), ao entrarmos no Largo da Carioca, costeamos outro bonde, que ia enfiar pela Rua de Gonçalves Dias. O condutor do meu bonde falou ao do outro para dizer que na viagem que fizera da estação do Largo do Machado até a cidade, trouxe um só passageiro. Mas não contou assim, como aí fica; contou por estas palavras: “Que te dizia eu? Fiz uma viagem à toa; apenas pude apanhar um carapicu<sup>1</sup> . . .”

Aí está o que é o leitor: um carapicu este seu criado; carapicus os nossos amigos e inimigos. Aposto que não sabia desta? Carapicu... Como metáfora, é bonita; e podia ser pior. Boas noites.

Excerto de crônica publicada em 29 de julho de 1888 na série “Bons Dias” da *Gazeta de Notícias* (In: ASSIS, Machado de. *Bons Dias!*. Introdução e notas de John Gledson. Campinas, SP: Editora da Unicamp, p. 156)

#### Sobre o recenseamento do Império

Vejam o burro. Que mansidão! Que filantropia! Esse puxa a carroça que nos traz água, faz andar a nora, e muitas vezes o genro, carrega fruta, carvão e hortaliças, — puxa o *bond*, coisas todas úteis e necessárias. No meio de tudo isso apanha e não se volta contra quem lhe dá. Dizem que é teimoso. Pode ser; algum defeito é natural que tenha um animal de tantos e tão variados méritos. Mas ser teimoso é algum pecado mortal? Além de teimoso, escoiceia alguma vez; mas o couce, que no cavalo é uma perversidade, no burro é um argumento, *ultima ratio*.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Essa palavra, que designa um pequeno peixe sem valor comercial, era expressão da gíria contemporânea, usada, por exemplo, em *O Cortiço*, de *Aluísio Azevedo* (1890) para designar um bando de capoeiras (malandro típico do século XIX). Hélio Guimarães, no seu livro *Os Leitores de Machado de Assis* (p. 25), explica a imagem citando uma crônica de 15 de março de 1877 (Obra Completa, 1959, vol. III, p. 364), em que se refere justamente à “pescaria” dos bondes que vão lentamente, “a catar um passageiro de longe”.

<sup>2</sup> Em Direito Penal, trata-se do último recurso ou último instrumento a ser usado pelo Estado em situações de punição.

### III

E por falar neste animal, publicou-se há dias o recenseamento do Império, do qual se colige que 70% da nossa população não sabe ler<sup>3</sup>.

Gosto dos algarismos, porque não são de meias medidas nem de metáforas. Eles dizem as cousas pelo seu nome, às vezes um nome feio, mas, não havendo outro, não o escolhem. São sinceros, francos, ingênuos. As letras fizeram-se para frases; o algarismo não tem frases, nem retórica.

Assim, por exemplo, um homem, o leitor ou eu, querendo falar do nosso país, dirá:

– Quando uma Constituição livre pôs nas mãos de um povo o seu destino, força é que este povo caminhe para o futuro com as bandeiras do progresso desfraldadas. A soberania nacional reside nas câmaras, as câmaras são a representação nacional. A opinião pública deste país é o magistrado último, o supremo tribunal dos homens e das cousas. Peço à nação que decida entre mim e o Sr. Fidélis Teles de Meireles Queles<sup>4</sup>; ela possui nas mãos o direito superior a todos os direitos.

A isto responderá o algarismo com a maior simplicidade:

– A nação não sabe ler. Há só 30% dos indivíduos residentes neste país que podem ler; desses uns 9% não leem letra de mão. 70% jazem em profunda ignorância. Não saber ler é ignorar o Sr. Meireles Queles; é não saber o que ele vale, o que ele pensa, o que ele quer; nem se realmente pode querer ou pensar. 70% de cidadãos votam do mesmo modo que respiram: sem saber por que nem o quê. Votam como vão à festa da Penha – por divertimento. A Constituição é para eles uma coisa inteiramente desconhecida. Estão prontos para tudo: uma revolução ou um golpe de Estado.

Replico eu:

– Mas, Sr. Algarismo, creio que as instituições. . .

– As instituições existem, mas por e para 30% dos cidadãos. Proponho uma reforma no estilo político. Não se deve dizer: “consultar a nação, representantes da nação, os poderes da nação”; mas – “consultar os 30%, representantes dos 30%, poderes dos 30%”. A opinião pública é uma metáfora sem base; há só a opinião dos 30%. Um deputado que disser na câmara: “Sr. Presidente, falo deste modo porque os 30 % nos ouvem . . .” dirá uma coisa extremamente sensata.

E eu não sei que se possa dizer ao algarismo, se ele falar desse modo, porque nós não temos base segura para os nossos discursos, e ele tem o recenseamento. (...)

*Manassés*

Excerto de crônica publicada em 15 de agosto de 1876, na série “História de Quinze Dias” do periódico *Ilustração Brasileira* (In: ASSIS, Machado de. *História de Quinze Dias*. Organização, introdução e notas de Leonardo Affonso de Miranda Pereira. Campinas, SP: Editora da Unicamp, pp 85-86).

### TEXTO 3 – A AÇÃO SOBRE OS LEITORES

#### Propósito

---

<sup>3</sup> Na verdade, segundo os dados oficiais o número de analfabeto era de cerca de 84% (considerando toda a população, inclusive os escravos).

<sup>4</sup> Sr. Fidélis Teles de Meireles Queles: forma utilizada para indicar uma pessoa qualquer, um fulano de tal, utilizada nesta crônica por Machado de Assis para representar um político qualquer. Segundo Antenor Nascentes, em seu *Tesouro da Fraseologia Brasileira*, o Fidelis Teles de Meireles Queles é um quidam, isto é, uma figura sem importância, um tal, uma pessoa indeterminada. (cf. Antenor Nascentes. *Tesouro da Fraseologia Brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 3º Ed., 1986).

A temperatura literária está abaixo de zero. Este clima tropical, que tanto aquece as imaginações, e faz brotar poetas, quase como faz brotar as flores, por um fenômeno, aliás explicável, torna preguiçosos os espíritos, e nulo o movimento intelectual. Os livros que aparecem são raros, distanciados, nem sempre dignos de exame da crítica. Há decerto exceções tão esplêndidas quanto raras, e por isso mesmo mal compreendidas do presente, graças à ausência de uma opinião. Até onde irá uma situação semelhante, ninguém pode dizê-lo, mas os meios de iniciar a reforma, esses parecem-nos claros e simples, e para achar o remédio basta indicar a natureza do mal.

A nosso ver, há duas razões principais desta situação: uma de ordem material, outra de ordem intelectual. A primeira, que se refere à impressão dos livros, impressão cara, e de nenhum lucro pecuniário, prende-se inteiramente à segunda que é a falta de gosto formado no espírito público. Com efeito, quando aparece entre nós essa planta exótica chamada editor, se os escritores conseguem encarregá-lo, por meio de um contrato, da impressão das suas obras, é claro que o editor não pode oferecer vantagem aos poetas, pela simples razão de que a venda do livro é problemática e difícil. A opinião que devia sustentar o livro, dar-lhe voga, coroá-lo enfim no Capitólio moderno, essa, como os heróis de Tácito, brilha pela ausência. Há um círculo limitado de leitores; a concorrência é quase nula, e os livros aparecem e morrem nas livrarias. Não dizemos que isso aconteça com todos os livros, nem com todos os autores, mas a regra geral é essa.

[...]

Qual o remédio para este mal que nos assoberba, este mal de que só podem triunfar as vocações enérgicas, e ao qual tantos talentos sucumbem? O remédio já tivemos ocasião de indicá-lo em um artigo que apareceu nesta mesma folha: o remédio é a crítica. Desde que, entre o poeta e o leitor, aparecer a reflexão madura da crítica, encarregada de aprofundar as concepções do poeta para as comunicar ao espírito do leitor; desde que uma crítica conscienciosa e artista, guiar a um tempo, a musa no seu trabalho, e o leitor na sua escolha, a opinião começará a formar-se, e o amor das letras virá naturalmente com a opinião. Nesse dia os cometimentos ilegítimos não serão tão fáceis; as obras medíocres não poderão resistir por muito tempo; o poeta, em vez de acompanhar o gosto mal formado, olhará mais seriamente para sua arte; a arte não será uma distração, mas uma profissão, alta, séria, nobre, guiada por vivos estímulos; finalmente, o que é hoje exceção, será amanhã uma regra geral.

Crônica publicada originalmente na "Semana Literária", seção do *Diário do Rio de Janeiro*, em 09/01/1866. (In: Assis, Machado de. *Obras Completas de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, vol. III, 1994).

## **TEXTO 4 E 5 – REVOLUÇÃO TECNOLÓGICA NO SÉCULO XIX**

### **O Jornal e o Livro**

[...]

Tratemos do jornal, esta alavanca que Arquimedes pedia para abalar o mundo, e que o espírito humano, este Arquimedes de todos os séculos, encontrou.

O jornal matará o livro? O livro absorverá o jornal?

A humanidade desde os primeiros tempos tem caminhado em busca de um meio de propagar e perpetuar a ideia. Uma pedra convenientemente levantada era o símbolo representativo de um pensamento. A geração que nascia vinha ali contemplar a ideia da geração aniquilada.

[...]

O jornal é a verdadeira forma da república do pensamento. É a locomotiva intelectual em viagem para mundos desconhecidos, é a literatura comum, universal, altamente democrática, reproduzida todos os dias, levando em si a frescura das ideias e o fogo das convicções.

O jornal apareceu, trazendo em si o gérmen de uma revolução. Essa revolução não é só literária, é também social, é econômica, porque é um movimento da humanidade abalando todas as suas eminências, a reação do espírito humano sobre as fórmulas existentes do mundo literário, do mundo econômico e do mundo social.

Quem poderá marcar todas as consequências desta revolução?

[...]

O jornal, literatura quotidiana, no dito de um publicista contemporâneo, é reprodução diária do espírito do povo, o espelho comum de todos os fatos e de todos os talentos, onde se reflete, não a ideia de, um homem, mas a ideia popular, esta fração da ideia humana.

O livro não está decerto nestas condições; — há aí alguma coisa de limitado e de estreito se o colocarmos em face do jornal. Depois, o espírito humano tem necessidade de discussão, porque a discussão é — movimento. Ora, o livro não se presta a essa necessidade, como o jornal. A discussão pela imprensa-jornal anima-se e toma fogo pela presteza e reprodução diária desta locomoção intelectual. A discussão pelo livro esfria pela morosidade, e esfriando decai, porque a discussão vive pelo fogo. O panfleto não vale um artigo de fundo.

Isto posto, o jornal é mais que um livro, isto é, está mais nas condições do espírito humano. Nulifica-o como o livro nulificará a página de pedra? Não repugno admiti-lo.

[...]

O jornal, abalando o globo, fazendo uma revolução na ordem social, tem ainda a vantagem de dar uma posição ao homem de letras; porque ele diz ao talento: "Trabalha! vive pela ideia e cumpre a lei da criação!" Seria melhor a existência parasita dos tempos passados, em que a consciência sangrava quando o talento comprava uma refeição por um soneto?

Não! Graças a Deus! Esse mau uso caiu com o dogma junto do absolutismo. O jornal é a liberdade, é o povo, é a consciência, é a esperança, é o trabalho, é a civilização.

Texto publicado originalmente no *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, entre os dias 10 e 12/01/1859 (In: ASSIS, Machado. *O Jornal e o Livro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, pp. 44-53).

### Crônica

Vem perto o dia em que soará para os escritores a hora do irreparável desastre e da derradeira desgraça. Nós, os rabiscadores de artigos e notícias, já sentimos que nos falta o solo debaixo dos pés... Um exército rival vem solapando os alicerces em que até agora assentava a nossa supremacia: é o exército dos desenhistas, dos caricaturistas e dos ilustradores. O lápis destronará apenas: *ceci tuera cela*<sup>5</sup>.

O público tem pressa. A vida de hoje, vertiginosa e febril, não admite leituras demoradas, nem reflexões profundas. A onda humana galopa, numa espumarada bravia, sem descanso. Quem não se apressar com ela será arrebatado, esmagado, exterminado. O século não tem tempo a perder. A eletricidade já suprimiu as distâncias: daqui a pouco, quando um europeu espirrar, ouvirá incontinenti o "Deus te ajude" de um americano. E ainda a ciência humana há de achar o meio de simplificar e apressar a vida por forma tal que os homens já nascerão com dezoito anos, aptos e armados para todas as batalhas da existência.

---

<sup>5</sup> Isto vai matar aquilo.

Já ninguém mais lê artigos. Todos os jornais abrem espaço às ilustrações copiosas, que entram pelos olhos da gente com uma insistência assombrosa. As legendas são curtas e incisivas: toda a explicação vem da gravura, que conta conflitos e mortes, casos alegres e casos tristes.

É provável que o jornal-modelo do século seja um imenso animatógrafo<sup>6</sup>, por cuja tela vasta passem reproduzidos, instantaneamente, todos os incidentes da vida cotidiana. Direis que as ilustrações, sem palavras que as expliquem, não poderão doutrinar as massas nem fazer uma propaganda eficaz desta ou daquela ideia política. Puro engano. Haverá ilustradores para a sátira, ilustradores para a piedade.

(...) Demais, nada impede que seja anexado ao animatógrafo um gramofone de voz tonitruosa<sup>7</sup>, encarregado de berrar ao céu e à terra o comentário, grave ou picante, das fotografias.

E convenhamos que, no dia em que nós, cronistas e noticiaristas, houvermos desaparecido da cena – nem por isso se subverterá a ordem social. As palavras são traidoras, e a fotografia é fiel. A pena nem sempre é ajudada pela inteligência; ao passo que a máquina fotográfica funciona sempre sob a égide da soberana Verdade, a coberto das inumeráveis ciladas da Mentira, do Equívoco e da Miopia intelectual. Vereis que não hão de ser tão frequentes as controvérsias...

(...)

Não insistamos sobre os benefícios da grande revolução que a fotogravura vem fazer no jornalismo. Frisemos apenas este ponto: o jornal-animatógrafo terá a utilidade de evitar que nossas opiniões fiquem, como atualmente ficam, fixadas e conservadas eternamente, para gáudio<sup>8</sup> dos inimigos... Qual de vós, irmãos, não escreve todos os dias quatro ou cinco tolices que desejariam ver apagadas ou extintas? Mas, ai! de todos nós! Não há morte para as nossas tolices! Nas bibliotecas e nos escritórios dos jornais, elas ficam (...) catalogadas.

(...)

No jornalismo do Rio de Janeiro, já se iniciou a revolução, que vai ser a nossa morte e a opulência dos que sabem desenhar. Preparemo-nos para morrer, irmãos, sem lamentações ridículas, aceitando resignadamente a fatalidade das coisas, e consolando-nos uns aos outros com a cortesia de que, ao menos, não mais seremos obrigados a escrever barbaridades...

Saudemos a nova era da imprensa! A revolução tira-nos o pão da boca, mas deixa-nos aliviada a consciência.

Texto originalmente publicado no jornal *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro em 13/01/1901 (In: BILAC, Olavo. *Bilac, O Jornalista*. 3 vols. Organização de Antonio Dimas. São Paulo: Imprensa Oficial, Edusp, Editora da Unicamp, 2006, vol. 1, pp. 395-396).

---

<sup>6</sup> Aparelho que passa imagens sequenciais.

<sup>7</sup> Com o volume alto.

<sup>8</sup> Alegria extremada.